

MÁRIO RODRIGUES

A COBRANÇA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

1

(...) para curar a cegueira da imaturidade, filho, basta o colírio do tempo (...) os joelhos tocam o gramado áspero e mentiroso enquanto você recorda a frase dita por seu pai — compreende a derradeira sentença daquele homem, o fiapo de voz (...) os olhos estão lacrados; vai abri-los em instantes, mas por ora prefere gozar desta provisória cegueira, deste labirinto translúcido, destas ondas de cinza e fosforescência: o avesso psicodélico das pálpebras; e, que ironia!, mesmo sem enxergar nitidezes, só você, neste momento, consegue vislumbrar o futuro — pois será o futuro, fará o futuro (...) os braços estão sobre os ombros dos colegas, formam um polvo suicida-aleijão; colegas, apenas; não amigos, não companheiros, não irmãos, inexistem afeições aqui; vocês, de certa forma, se odeiam; concorrem: por contratos em clubes estrangeiros, por publicidades, por entrevistas na tv, por mulheres (...) já se cansaram de seus corpos e almas: nos últimos cinquenta dias, estiveram juntos e nus: mediram

a extensão e a espessura de seus sexos, alisaram recreativamente suas bundas, dividiram banheiros e banheiras, gelos e saunas, vestiários e túneis, preleções e passes, concentrações e bordéis; com um desses atletas, você divide o quarto desde a granja comary, em teresópolis (...) contudo, repito: não há afeição aqui; muito menos neste coletivo abraço-protocolo no meio deste campo de futebol (...) e você está mudo, mudo?, é estranho, sempre gritou demais neste gramado retangular; sempre foi o que mais reclamou com colegas indolentes; é o chamado líder — não pela técnica, essa malvada, que nunca o bafejou —, é o líder pela garra, pela abnegação, pela entrega sempre demonstrada; não há uma parte exterior do seu corpo que não tenha se desgastado neste solo verde (...) e continua cabisbaixo: a posição dos humildes, posição tão sua conhecida; lembra-se: no piso de cimento queimado, ouvia o técnico de futsal da escola; no piso de barro vermelho, concordava com o técnico da várzea; no piso de grama rala, apoiava o técnico dos juniores; na grama alta, bajulava o técnico dos aspirantes; na grama podada milimetricamente e molhada como catimba — dando à bola velocidade que poucos, bem poucos, interpretam a contento —, você endossava, fingindo crença, as platitudes do mais famoso técnico do país; sempre baixou a cabeça, sempre lhes ouviu as instruções: olhando, óbvio, para o chão (...) resiliência-obediência: esse foi seu retrato (...) mas, agora, aqui está você: de joelhos, de olhos lacrados, de abraços trocados, de boca fechada, de cabeça reclinada — embora saiba, e só você sabe disso, que neste momento é poderoso: é o mais poderoso entre duzentos e tantos milhões de brasileiros

2

Cinco de outubro, 1988. Era primavera. Aquela tarde em Brasília, a capital federal, estava nublada. Um vento frio e extemporâneo lufava sobre as águas do Paranoá. Ouviram-se tiros de canhão e o Hino Nacional em fanfarra. Debaixo de fogos de artifícios — explodidos contra um céu gris que lhes furtava a cor, como se a luz de fato não pertencesse àquele momento —, os presidentes da Constituinte, da República e do Supremo Tribunal Federal chegaram, em comitiva, ao Congresso Nacional, subiram a rampa. Às 15h50, ouvia-se: “Declaro promulgada. O documento da liberdade, da dignidade, da democracia, da justiça social do Brasil. Que Deus nos ajude. Que isto se cumpra!” Essas palavras foram gritadas, em voz rasgada, por um velho com sotaque *démodé*, prosódia de outros tempos. A voz embargada, emocionada, oferecia promessas que jamais seriam cumpridas pelas décadas adiante. Era a sétima vez, desde 1824, que o país teria

uma Carta Magna. Foi apelidada de Constituição Cidadã, pois houvera “intensa participação popular na elaboração do texto — porque quem quis se manifestou e foi acolhido”, isso foi o que disse o sujeito que à época presidia a mais alta corte judicial do país. Durante o anúncio, outros velhos que estavam à mesa da Câmara se levantaram aplaudindo o momento histórico. Entre eles um romancista, o então presidente do Brasil. (Em minutos, quando do seu juramento, a mão do maranhense estaria espalmada e trêmula. Metáfora perfeita do que viria pela frente: uma democracia espalmada e trêmula.) Todos usavam paletó e gravata e estavam, também, orgulhosos do que fizeram. Os aplausos foram seguidos pelas centenas de pessoas que, num plano subalterno à mesa, no que chamam de plenário, batiam palmas exageradas e bradavam como se estivessem em um circo — estavam em um circo de carpete verde. À noite, no onipresente telejornal da maior rede de TV do país, o apresentador de cabelos completamente alvos e de voz percuciente anunciou à população — de maneira solene e soturna — o que aquelas centenas de deputados constituintes e puxa-sacos úteis presenciaram *in loco*: a nação tinha um novo conjunto de leis. Os principais repórteres da casa — o do noticiário político e o do noticiário econômico — repercutiram a boa-nova com frases de efeito: “É a Constituição de todos, porque foi aprovada pela maioria dos representantes do povo brasileiro. Ela pretende ser a Constituição da primavera de um Brasil novo. Se, com ela, vai vir um novo Brasil, depende de nós.” Apesar dos esforços midiáticos, o povo, “de quem todo o poder

emana”, ignorava, como sempre, o que aqueles indivíduos debateram na Assembleia Nacional Constituinte, entre 1º de fevereiro de 1987 e 22 de setembro de 1988 — e, afinal, colocaram no papel. Há quem diga que o senhor presidente da Constituinte — cujo nome era o de um mitológico herói grego e que, diferente deste, não escaparia dos arcanos e da fúria dos ventos e dos mares — chorou quando a sessão terminara. “A Constituição certamente não é perfeita. Ela própria o confessa ao admitir a reforma. Quanto a ela: discordar, sim; divergir, sim; descumprir, jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da pátria.”

3

As pernas bambas formavam um V (medonho) e estavam apoiadas nos suportes afixados nas laterais da mesa de obstetrícia.

As coxas foram mal depiladas porque a vaidade da mulher minguara nos últimos meses de enjoos, pés inchados, gulodice incontrolável e estrias ramificadas.

Os grandes lábios vaginais ficaram escancarados e encarnados.

O topo da cabeça cabeluda e úmida do menino apontava para o mundo. Mas a criança emperrou nas bordas do sexo da mãe.

A mulher gritava.

Mais: praguejava — com olhos injetados, cara amarfanhada e cabelos assanhados.

Não havia fórceps por perto para mecanicamente ampliar o grotesco daquela abertura por si só grotesca.

A auxiliar de enfermagem empurrou a barriga da mulher de cima para baixo: um braço fazia a alavanca e o outro — com o antebraço servindo de espátula — realizava o movimento.

O menino continuava emperrado.

Episiotomia era a solução: afinal o doutor não tinha tempo a perder e tinha que rodar a maternidade.

Um bisturi percorreria veloz da vagina ao ânus.

A lâmina gelada escorrendo sobre a lidocaína e rasgando o períneo: língua afiada lambendo e arando o couro de suas vergonhas.

(Contudo, a lâmina ainda estava no invólucro de alumínio, e os segundos que a auxiliar de enfermagem — misto de atrapalho e irresponsabilidade — perdeu, tentando tirar o bisturi da embalagem, foram prestações de agonia que traspassaram a mulher esgarçada em decúbito dorsal, penetrada pela senhora de todas as dores.)

À espera. À espera de um filho: um filho que nunca quisera — nunca quisera e nunca planejara. E aquele entojó estava lacerando-a para o resto da vida, afozando-a, marcando o que ela tinha de mais íntimo e de seu exclusivamente: o prazer e o sexo.

À espera de um filho: filho de um homem que a aceitara quando ela perdera a virgindade com o caminhoneiro incógnito e fora estapeada pelo pai marchante em praça pública, virando assunto único na pequena cidade durante meses. E, depois desses anos de relação, a tal bondade parecia a ela o pior dos castigos.

À espera da morte: a morte — dela ou do menino — ou ambos os casos — seria um alívio, seria bem-vinda. Mas não foram necessários passamentos.

Quando ouviu os gritos — Tira! Tira! —, julgou que se tratava do menino finalmente expurgado de si mesma: víscera viva fora dela e entregue ao mundo, pequeno câncer de braços e pernas enfim extirpado.

Não era, porém, sobre o bebê quando gritaram: Tira! Tira! Tratava-se da parturiente. O quarto deveria ser desocupado. Chegara ao posto de saúde uma grávida mais nobre indicada pelo prefeito.

A transferência da mesa de obstetrícia para a maca enferrujada se deu de maneira rápida. A grávida foi empurrada de uma para a outra. Rolou, sofrida, sobre a própria barriga sobressalente e latejante. Tão latejante quanto a humilhação.

Humores envolveram lençóis. Suas mãos espalmadas e sujas marcaram as paredes do corredor, como pinturas rupestres de líquidos amnióticos.

Estalagmites e estalactites de aflição se fechando e a esmagando.

Na enferrujada maca tremulante — lambuzado com aquela gosma placentária —, o menino surgiu para o mundo no corredor cavernoso. Nasceu igual a todos, sem distinção de qualquer natureza.

Era um final de tarde. Era 5 de outubro, 1988. O menino, eu.

1

(...) pálpebras içadas com preguiça e olhos eclipsados, a visão renasce então paulatina: zarolha; depois, embaçada; e, afinal, nítida (...) você vê a algaravia de lâminas verdes amassadas pelos joelhos, pelas patelas (você sempre chamou de “rótulas”): seus vários tendões e a pele espremem a grama artificial-sintética (...) não é novidade — sabia disso desde 2010, quando este país fora escolhido para sediar a copa do mundo — e se preparou para essa circunstância peculiar; visitou a limonta sport a fim de entender a logística aplicada à feitura deste tipo de grama; numa turnê, antes deste evento, a seleção brasileira jogou em los angeles, califórnia, mas você fez questão de ir até seattle, washington, para observar a grama artificial do centurylink field, onde jogam os seahawks, só para sentir como se comporta — arranha?, rasga?, escorrega?, faz sangrar? — este jaez de piso em temperaturas muito hostis, avessas a um clima tropical (...) estudou a maneira como a bola deslizaria, a rotação desenhan-

do a trajetória levemente elíptica; como pousaria no gramado depois de um lançamento *à la gérson* (você, aliás, joga com o número 8 às costas); como se antecipar a uma dividida naquele terreno capcioso; analisou a melhor forma de dominar (você sempre disse “matar”) a pelota (...) entendeu que este tipo de gramado pode trazer várias lesões: adutor, panturrilha, ligamentos cruzados, por isso tomou os remédios (ricos em colágeno) para seus tendões e músculos, mas também usou da aveia, do abacaxi e da canela — receita de sua avó, única herança boa da velha (...) você está de olhos totalmente abertos agora; porém, ainda estão absortos: o gramado-tela serve de pano de fundo à imagem da avó; a velha persiste em sua memória: onde estará? o que faz? como todas as avós, torcerá sem sequer saber qual o time de sua predileção? alguém lhe indicará que a seleção brasileira, neste dia especial, vestirá excepcionalmente azul? — a troca de cor da camiseta (você sempre chamou “padrão”) é uma forma pusilânime de enfrentar o maior vexame de sua história, enquanto equipe, ocorrido há apenas quatro anos (...) você chacoalha a cabeça e abandona sua avó (e qualquer sentimento familiar), abandona também a posição de joelhos (e qualquer sentimento religioso), abandona o semiabraço dado em dois de seus companheiros (e qualquer sentimento de fraternidade) (...) você, enfim, se levanta e se aparta do time e das lembranças; está alheio a tudo: finca com decisão — ofídio cravando presas vazadas em musculatura tenra — os soldados de cravos rosqueáveis na grama falsa do estádio lujniki, em moscou, na rússia (...) então, fica de pé: você pisará firme; e pisará não apenas este gramado russo, pisará muitas outras coisas

2

Naquela noite de 14 de dezembro de 1989, as ruas das grandes cidades brasileiras ficaram vazias como na final de uma Copa do Mundo. As principais redes de TV do país — Globo, SBT, Bandeirantes e Manchete —, em *pool*, transmitiram o debate à corrida presidencial. Corrida que não acontecia democraticamente havia mais de vinte e nove anos. Era o último grande ato de uma campanha eleitoral histórica. Tudo começara com um total exagerado de 22 candidatos à Presidência do Brasil. Ao longo dos meses — baixos e extenuantes — de campanha, a maioria dos concorrentes perderia a força ou se tornaria folclórica: “Estupra, mas não mata”, “Meu nome é...”, “O homem do cavalo branco”. Aos 15 de novembro — Centenário da Proclamação da República —, o ex-governador (o Caçador de Marajás) e o ex-operário (o Sapo Barbudo) saíram vitoriosos do primeiro pleito. Voltariam a se enfrentar nas urnas dali a pouco mais de um

mês. E foram trinta dias como poucos na história recente do Brasil, dada a quantidade de escândalos e denúncias, ridicularias e chantagens, baixarias e cafônicas: desde fraudes no governo de Alagoas até ex-namoradas pressionadas a abortar filhos espúrios. Este debate marcava, então, o final do segundo turno. As intenções de votos eram 47% para o alagoano e 46% para o pernambucano — o que, no jargão eleitoral, chamavam de empate técnico. Apenas um ponto separa [os candidatos] — manchete de capa em um grande jornal paulista. O fundo azul-fumacento do cenário era já uma mensagem subliminar, contudo os milhões que sintonizavam suas TVs, boa parte delas em preto e branco, não cogitavam esse fato. O repórter político — que parecia multiplicar-se naqueles dias — abriu a parte concludente do último debate às palavras finais dos candidatos. Por sorteio, o jornalista esclarecera, cabia primeiro ao candidato sem barba o seu discurso de três minutos. O candidato sem barba vestia um terno cinza-claro, camisa branca e gravata enxadrezada azul. Na lapela esquerda do paletó, via-se, fingindo tremular, a bandeira do Brasil em broche de metal. “Vamos dar um ‘NÃO’ definitivo à bagunça, à baderna, ao caos, à intolerância, à intransigência, ao totalitarismo, à bandeira vermelha. Vamos dar ‘SIM’ à nossa bandeira, essa que está aqui, à bandeira do Brasil, à bandeira verde, amarela, azul e branca. Vamos cantar o nosso Hino Nacional e não a *Internacional Socialista*. Vamos fazer deste Brasil um país digno de seus filhos, que trabalham, que querem prosperar, que querem a justiça social, que nós iremos alcançar, minha gente.” O

mediador apertou uma espécie de *bip*, segurou o púlpito de madeira (já à aquele tempo anacrônico), virou-se na direção do outro candidato à Presidência e ofereceu-lhe os mesmos três minutos. O candidato barbudo estava com paletó escuro, camisa azulada e gravata de rajadas vinho. “No dia 3 de outubro de 1960, houve as últimas eleições para presidente da República, eu tinha quinze anos de idade, estava para começar, iniciar, a minha atividade de estudante do Senai, para fazer o curso de torneiro mecânico. Eu jamais imaginei chegar aonde cheguei. Eu jamais sonhei poder disputar as eleições para presidente da República, porque nós, que pertencemos à classe trabalhadora, sabemos perfeitamente bem que a nossa luta titânica é para escapar da fome, é para escapar do desemprego, é para escapar da favela, de debaixo de uma ponte.”